

Colóquio «A língua portuguesa nos dias de hoje»
Academia das Ciências de Lisboa
23, 24 e 25 de Maio de 2016

Tema: «Empobrecimento dos recursos lexicais e da expressão»

A autêntica originalidade do léxico português

Fernando Venâncio
Universidade de Amesterdão

Há uns anos, propus-me identificar os verbos que o galego e o português tivessem em comum, e em exclusivo, no conjunto da romanidade, e sobretudo da romanidade peninsular. Para meu próprio espanto, a prospecção rapidamente passou a barreira dos 100 verbos. Tratava-se de verbos correntes, pertencentes ao léxico que o falante urbano e culto, galego ou de língua portuguesa, domina pelo menos passivamente. Também a barreira das duas centenas se viu ultrapassada, e actualmente a minha contagem está nos 210 verbos comuns e exclusivos. Apresentei estes e outros resultados, o ano passado, num congresso internacional em Santiago de Compostela. Em diversos artigos, foram já expostos a lexicografia histórica e contemporânea, mais os *corpora* lexicalizados, em que a pesquisa se baseia.

Desses numerosos verbos galegos e portugueses, uma parte importante teve origem latina, e outra parte é fruto de criação patrimonial. Exemplos da origem latina são: *aquecer, atingir, cheirar, destrinçar, espreitar, esquecer, estragar, magoar, mergulhar, poupar, rejeitar, voltar*. Os verbos de criação patrimonial (quase sempre por derivação) são também os mais abundantes, organizando-se em subcategorias, que aqui não especificarei. Alguns exemplos deles: *afastar, alicerçar, ceifar, cismar, esmagar, espalhar, latejar, murchar, peneirar, soerguer, vadiar*.

Atente-se no facto de um número considerável desses verbos exclusivos apresentar documentação precoce, o que significa que gozavam de sólida circulação anterior à nossa nacionalidade. Dito doutro modo: uma parte importante do léxico que chamamos 'português' teve uma circulação pré-portuguesa.

Uma descoberta inesperada

Foi no decorrer da investigação aí descrita que fiz uma descoberta interessantíssima. Ao procurar, já num estádio seguinte, identificar os verbos, por sua vez, só portugueses e só galegos (insisto, verbos da linguagem corrente, e baseando-me, sempre, na lexicografia de referência), verifiquei que os de origem latina introduzidos *por via*

popular exclusivos do galego são em número *três* vezes superior aos do português nas mesmas condições. E havia outra circunstância não menos curiosa: dos sete verbos portugueses em questão (*acabrunhar, açambarcar, adejar, engelhar, espatifar, labutar, vasculhar*) nem um só apresenta um étimo seguro, enquanto dois terços dos 25 verbos galegos em apreço têm origem latina identificada. Tudo isto demonstra, se ainda necessário fosse, que a Galécia foi, durante a vigência do latim como língua corrente, uma zona de intensa actividade linguística. Mas não só isso. Esses verbos galegos, ao já apresentarem, e bem mais que os portugueses, importantes soluções fonológicas e morfológicas exclusivas do nosso idioma, fornecem a prova material de que ele se originou efectivamente na Galécia.

Dizer que galegos e falantes de português historicamente 'compartilharam' o idioma é, portanto, dizer bem pouco. A simples verdade é que Portugal *herdou* o idioma formado na Galécia Magna, tal como a definiu Joseph Piel, sendo menos de um sexto dela futuro território português. Sim, ainda a ideia social ou política de um "Portugal" não surgira, e já este idioma estava definido nas suas fundamentais características fonológicas, morfológicas e lexicais.

Como sabemos nós isso? Recorrendo à mais credível indução. O cruzamento da informação toponímica com a fonologia/morfologia do idioma (sector que actualmente investigo) conduz a resultado inequívoco. Mas há um outro exemplo, talvez de todos o mais convincente. A síncope do L e do N intervocálicos latinos simples, fenómeno com profundas consequências fonológicas e morfológicas para o idioma, essa síncope, ou queda, apresenta, já desde a primeira documentação escrita, uma regularidade praticamente perfeita. Onde tinha havido um L ou N latinos simples deu-se efectivamente a queda, onde os houvera duplos conservou-se uma consoante simples. Que quer isto dizer? Que a queda se deu numa época em que, no latim falado na Galécia, a distinção entre L e N simples e LL e NN duplicados era ainda nítida *na oralidade*, e que essa complexa mutação se deu em toda a extensão do idioma, quando nenhuma fixação escrita poderia ainda servir de auxílio. E o que é mais: a quase absoluta ausência de L e N intervocálicos (provenientes dos L e N simples) em formas verbais finitas na mais primitiva escrita galego-portuguesa denuncia a existência dum padrão já firme, coisa que não se arranja da noite para o dia. Tudo isto só pode significar que esse complexíssimo processo fonológico, possivelmente o mais decisivo de todos os do idioma, se deu na Galécia em época remotíssima. Já então aquele que iríamos chamar "o nosso idioma" ia tomado forma sólida, coerente, irreductível.

O léxico patrimonial

Lancemos pois, primeiro, um olhar sobre essa herança que nos calhou. Mas, antes, uma advertência: as primeiras documentações em matéria de léxico *patrimonial* são só isso, 'primeiras documentações'. São as que nos chegaram, e quando calhou chegarem-nos, não raro com séculos de atraso sobre a efectiva circulação oral.

Vejamo-lo através dos olhos dum falante de castelhano que nunca teve contacto com o nosso idioma. Ele não faz ideia do que signifiquem os

adjectivos *arrepiante, bento, cheiroso, desafeito, ferrenho, infindo, meigo, pândego, rouco, toleirão, vadio*. São exemplos entre os 242 adjectivos que até hoje identifiquei, comuns e exclusivos ao galego e ao português. São números? Pois, são números. Mas os grandes números põem a nu tendências fundamentais de uma realidade.

O nosso mesmo falante cândido de castelhano não faz ideia do significado de deverbais regressivos como (limitando-me à letra A) *abafo, abalo, aceno, aconchego, afago, agacho, amostra, apupo, arquejo, arranjo, arrelia, arrepio, arromba, arrufo*, mais uma vez, comuns e exclusivos do romance ocidental peninsular.

O que sempre nos toldou a visão para a centralidade galega da nossa língua foi a coincidência histórica, *absolutamente fortuita*, da formação de Portugal e do aparecimento da primeira documentação escrita. Tanto bastou para criarmos os nossos mitos linguísticos. Muito lindos, muito aconchegantes, mas erróneos. E houve mais um factor decisivo: a imprensa. Sabemos quanto o surgimento dela foi determinante para a visibilidade dos idiomas, e até para o seu estatuto futuro. Tivesse o galego do século XVI ficado impresso em meia dúzia de livros (e não esperado até ao século XIX), hoje teríamos, do nosso idioma e das nossas relações com ele, uma visão inteiramente outra.

Não me faço, também é verdade, grandes ilusões. Ainda por décadas os portugueses se julgarão 'criadores' deste idioma e haverão de subscrever o que, há pouco mais de uma semana, escrevia Miguel Sousa Tavares na sua crónica do *Expresso*, a propósito de certo recente acordo ortográfico: «um acordo internacional que mexe na língua que, desculpem lá, nós criámos, trabalhámos e levámos aos quatro continentes». Tudo confere, só esse 'criámos' é um tanto apócrifo.

Entenda-se-me bem. Nós temos óptimos estudos históricos da língua, no Brasil, em Portugal, no estrangeiro. Mas esses estudos estiveram sempre fixados na *mudança* linguística, nunca na *continuidade*.

Mas atenção: ao sublinhar que o léxico patrimonial do Português é altamente devedor à actividade linguística da Galécia, não afirmo que Galego e Português são hoje a mesma língua. Não afirmo, nem deixo de afirmar. Sendo certo que nenhuma língua do Mundo está tão próxima da nossa como a dos galegos, não é menos verdade que "a mesma língua" é uma categoria política, e não linguística. Ela depende da vontade, não da demonstração. Mas o próprio voluntarismo exige cautelas. Afirmar (como certas pessoas fazem) que os galegos falam "Português da Galiza" é tão absurdo, e tão despropositado, como dizer que eu estou a exprimir-me em "Brasileiro de Portugal".

A sério: é deprimente ver galegos a confirmarem os portugueses numa *mitologia linguística* essencialista, a-histórica e antigalega.

Que fizemos da herança?

O Português é, assim, aquele idioma que herdámos da Galécia, **e** mais aquilo que fizemos dessa herança. E que fizemos nós dela? Muito de

que podemos orgulhar-nos. Mas talvez devesse ter-se feito mais. Com efeito, durante séculos, a cómoda disponibilidade do vizinho castelhano dispensou o português culto de explorar a fundo o pecúlio patrimonial. Frente ao convidativo castelhano, nunca criámos verdadeiramente resistências, ou sequer distância, nunca desenvolvemos estratégias de *diferencialismo*, que, podendo conduzir a excessos, a hipercorrecções (como no caso, bem conhecido, do galego), conduziriam, sem qualquer dúvida, também a excelentes achados. Um empenho diferencialista só surgiu mais tarde, contra o galicismo, com pouco sucesso aliás, mas sempre salvando a honra do convento. Infelizmente ainda nunca se fez um estudo de conjunto sobre o galicismo português: a história, o léxico, a fraseologia, as tomadas de posição.

O exemplo mais gritante da nossa histórica falta de investimento no léxico patrimonial foi a obra de Luís de Camões. Já em ocasião recente lembrei que, entre os 735 adjetivos diferentes nos *Lusíadas*, só um é uma estreia autóctone (*insofrido*), e o resto da obra camoniana revela também só outra estreia autóctone (*famulento*). O próprio recurso de Camões ao léxico patrimonial então já circulante, também ele não é famoso. Em suma, não investiu numa língua 'portuguesa'. Sem dúvida: o grande quinhentista modernizou inteligentemente o português, incutindo-lhe um léxico culto, internacionalizador do idioma. O mesmo iriam fazer, mais tarde, Vieira e Bernardes. Foi uma opção clara, mesmo se inconsciente.

O franco investimento naquele léxico que nos individualizava foi obra de outros quinhentistas, como o hoje quase desconhecido dramaturgo Jorge Ferreira de Vasconcelos, e seiscentistas, como Francisco Manuel de Melo. E aí temos nós dois hispanizantes, Vasconcelos e Melo, empenhados numa tarefa que costumamos atribuir a gente mais 'nobre'. São situações paradoxais que só um estudo sistemático e histórico do léxico põe a nu, esse terreno ainda praticamente virgem na nossa investigação linguística. Nesse conflito entre a face vernácula e a face internacionalizante do idioma vivemos séculos, e vivemos ainda hoje.

O que é, pois, o Português hoje? É o resultado de várias criatividades. Observemos algumas.

Olhemos primeiramente para a nossa produção em três sufixos patrimoniais: *-idão* (como em *exactidão*), *-ice* (como em *crendice*), *-dela* (como em *lavadela*). Estes três sufixos não são exclusivos do idioma: *-idão* e *-ice* têm origem latina, e variantes de *-dela* gozam de alguma circulação em francês e em italiano. Mas todos três conheceram no Português um florescimento deveras invulgar.

De *-idão*, o Hoauiss fornece pelo menos 40 formas de uso corrente, de que destaco: *amplidão*, *devassidão*, *imensidão*, *inaptidão*, *rouquidão*, *sequidão*, *sofreguidão*, *vastidão*.

Bem maior actividade criativa inspirou o sufixo *-ice*, de que o Houaiss dá pelo menos 115 formas correntes. A escolha das mais notáveis é, aqui, extremamente difícil. Aceitem-se, pois, as minhas preferidas: *aselhice*, *brejeirice*, *chafurdice*, *estroinice*, *gaderice*, *marotice*, *pelintrice*, *tagarellice*. O utente brasileiro criou ainda os expressivos

babaquice, cafonice, breguice e ranhetice. A semântica deste cenário não é, como se vê, a mais lisonjeira, mas é o que temos, e que, pelos vistos, muito prezamos.

As formas em *-dela* originaram-se num substantivo deverbal. Assim, de *olhar* fez-se *olhada*, e de *olhada* fez-se o diminutivo *olhadela*. Deste modo se geraram dezenas de formas, de vigência predominantemente familiar, como *ajeitadela*, *buzinadela*, *engomadela*, *penteadela*, *piscadela*, *riscadela*, *trincadela*. A comuníssima *espreitadela* dos portugueses tem como preferência brasileira a *espiadela*.

Mais criações

Outro terreno da nossa produtividade foi de procedência castelhana. Não interessam aqui as muitas criações castelhanas que o português fez suas (e não raro como se de vernáculo português se tratasse, como já demonstrei alhures), interessando, sim, os desenvolvimentos, largamente inesperados, a que nos entregámos. Destaco alguns casos mais invulgares.

Assim, já descartado o autóctone *fuão*, e absorvido o arabismo cast. *fulano*, criámos *fulanismo* e *fulanizar*, tal como de *ufano* fizemos *ufanismo*. Do castelhanismo *boçal* fizemos *boçalidade*, de *derrocar* *derrocada*, de *gozo* criámos *antegozo* e *antegozar*, de *malvado* *malvadez*. Do mesmo modo, de *palmilha* inventámos *palmilhar*, de *polvilho* *polvilhar*, tal como de *resvalar* *resvalo* ou de *salpicar* *salpico*. Por vezes, modificámos o castelhano sem que o tivéssemos absorvido. Foi o caso de *dedillo* de que fizemos *dedilhar*, de *dicho* de que criámos *dichote*, de *judío* de que engendrámos *judiaria* e o verbo *judiar*. Foi do adjetivo *gatuno* que inventámos o substantivo *gatuno* e lhe demos farta prole: *gatunice*, *gatunagem*, *gatunar*, no Brasil também *gatunhar*. O caso provavelmente mais revelador é o de *mirone*. Uma vez feita, e praticamente esquecida, a forma *mirão*, criada sobre *mirón*, pegámos no plural *mirones* e lançámos ao mundo um inaudito singular *mirone*. Merecem particular menção *mana* e *mano*, essas formas excepcionalmente carinhosas que forjámos a partir do cast. *hermana*, *hermano*. (Irão desculpar o simplismo da exposição. Já tive oportunidade de publicar sobre esta e outras matérias, aqui somente afloradas).

Muito criativo foi o Português também em matéria de deverbais regressivos. Todas as línguas ocidentais os têm, mas ninguém mais possui muitos que fomos criando. Eis alguns, no sector da letra A: *acrescento*, *anseio*, *aparo*, *apelo*, *apito*, *arranco*, *arremesso*, *arrenego*, *arrepelo*, *arrumo*, *assobio*, *aterro*.

Os deverbais regressivos (que são, possivelmente, os mais 'inteligentes' materiais da gramática) estão constantemente a ser criados. Há dois anos, na faculdade de Letras de Lisboa, apresentei um trabalho sobre a criatividade de regressivos em Mário de Carvalho. Já em matéria de norma geral, seja aqui exemplo a inventividade brasileira, com o *aceite* ('aceitação'), o *afobo*, o *agarra*, o *aguarda* ou o *aguardo* ('espera', 'expectativa'), o *apronto*, o *despenque*, o *despreparo*, o *encavo*, o *escanteio*, o *flagra*, o *norteio* (e o *desnorteio*),

o racha ('cisão'), *o rejeito, o reparte, o sacode e o xingo*, assim como os informais *o agito, o amasso, o arraso, o desbunde, o esculacho, o fervo, a paquera* (o nosso 'engate').

O adjectivo foi um domínio em que o Português se mostrou imensamente produtivo. São numerosas as formas forjadas por derivação, que idiomas afins não produziram. Pense-se em adjetivos em *-oso* como *acintoso, atencioso, conflituoso, desprevensioso, desrespeitoso, esperançoso, insultuoso, preconceituoso, verrinoso*. Pense-se nas sufixações em *-ável* ou *-ível*, com que se obtêm adjetivos como *acreditável, adiável, contactável, exaurível, findável, prestável, respondível* e as correspondentes formas negativas *inacreditável, inadiável, incontactável, inexaurível, infindável, imprestável, irrespondível*. Em que medida é que tudo isto acaba por constituir padrões, não o pude observar ainda.

Uma anotação intercalar: afirmar a 'inexistência' de determinada forma em determinado idioma é um procedimento precário. Mesmo a melhor lexicografia anda inexoravelmente atrás do efectivo desempenho. Mas pôr a lexicografia sistematicamente sob suspeita também não é curial.

Certas negações existem só em Português: *implausível, inconclusivo, inconvencional, insusceptível, insuspeito, invisual, invulgar*.

E possuímos materiais adjetivais únicos, como *anelar, assente, cansativo, cioso, comovente, convicto, devasso, devoluto, esparso, famigerado, fulcran, gradativo, inglório, íngreme, liberto* (em cast. só substantivo), *pedonal, premente, retardatário, sófrego, trôpego, vinculativo*.

Também no domínio dos substantivos o Português não poupou esforços. Primeiro, alguns cultismos e semicultismos: *acrécimo, atrito* (em cast. adjetivo), *benesse, celeuma, conluio, facínora, ficcionista, inquérito, júri, planalto, posse, relatório, rispidez, transeunte*. Depois, vocábulos da linguagem diária: *acepipe, bátega, desfecho, fabrico, fatia, férias, fornecedor, frieza, garoto, iguaria, labuta, poupança, singeleza, sotaque, traficância*. Finalmente, elementos da gíria como *balúrdio, calhamaço, cambalhota, chinfrim, comezaina, espalhafato, falhanço, fatiota, larápio, maçada, patife, pelintra, vadiagem*.

O verdadeiro empobrecimento

O português hoje em uso é mais rico, ou mais pobre, que há cem ou há cinquenta anos? A pergunta, nesses termos, só tem sentido se o confronto obedecer a critérios explícitos e bem fundamentados. Uma coisa é certa: o 'discurso da decadência' é, em si, um *topos* cultural, muito reconfortante, habitualmente muito preguiçoso, e quase sempre o produto de uma tendenciosa comparação dos conseguimentos de ontem com as falhas de hoje.

Sejamos sérios: quem pensar em decretar uma actual decadência expressiva entre nós deve começar por baixar os decibéis e pôr-se a ler os recentes romances de estreia de Bruno Vieira Amaral e Ana

Margarida de Carvalho, ou as reportagens jornalísticas de Paulo Moura e Gonçalo Cadilhe. São quatro exemplos, no Portugal de hoje, duma expressão exacta, nítida, inventiva, cheia de sugestão. Ser mestre-escola é bom, mas ser mestre-escola *justo e informado* é ainda melhor.

Já será um avanço se, no uso escrito, continuar a desvanecer-se a fronteira entre linguagem formal e informal. Digo 'continuar', pois alguma imprensa nossa (particularmente o jornal *Público*) faz hoje gala, em espaços propriamente jornalísticos, de uma informalidade de expressão que, há uma dezena de anos, não era vulgar.

Vou, por isso mesmo, contar-vos (e com isto termino) um episódio recente, autenticamente exemplar. No passado dia 12 de Maio, o jornalista Tiago Petinga, da Lusa, escrevendo no jornal digital *Observador*, intitulou assim um artigo: «Chuva não deslarga, bom tempo só a partir de domingo». «Deslarga?», perguntaram-se, horrorizados, vários comentadores, com maiúsculas e pontos de interrogações múltiplos. O jornalista, amedrontado, cedendo à cerrada pressão, mudou o título ao texto, disso dando expressa conta em comentário próprio. Onde estava «Chuva não deslarga», passou a ler-se «Chuva continua». De tudo isto fomos informados graças à aguda atenção do bloguista e professor Marco Neves.

É um episódio ridículo? Claro que é. Só que, desgraçadamente, ele está longe de aparecer isolado. Nos últimos tempos, tomou entre nós a ribalta da edição um arrivismo linguístico, um higienismo pelintra, explorando a insegurança do utente, quando o meritório, e o útil, seria alertá-lo e estimulá-lo para as *potencialidades* do idioma: para aquilo que está bem, e para aquilo, muito diferente, que está igualmente perfeito.

Claro: o erro existe, existe a dúvida, existe a dificuldade. Mas a fixação doentia no "erro", na "dúvida", na "dificuldade", gera à volta do idioma um clima paranóico. Um obscurantismo mascarado de ciência vai conquistando espaço, e é ele, sim, que é assustador, e configura por si mesmo a mais lídima das decadências. Se cedermos a essa crescente chantagem novo-rica e pacóvia, se nos calarmos e não lhe cantarmos umas bem cantadas, então sim, estaremos, agora por nossa conta, a deixar empobrecer-se o idioma.